

A LIRA: UMA BREVE REVISITAÇÃO

The Lyre: a brief revisitation

CARVALHO, Maria Margarida¹

Resumo

A música é considerada a mais antiga forma de comunicação humana e tem a capacidade de evocar significação, imaginação, criatividade e inovação. A lira é um instrumento musical muito antigo e surge associada ao mundo imaginário e mitológico da Grécia Antiga. As suas qualidades elegem-na como um dos instrumentos dos poetas, dos filósofos, dos educadores. Para além ser um veículo de convergência dos planos celestial e humano, a lira é um instrumento educativo, catártico e purificador de almas e simboliza a paz e o silêncio profundo. Revisitar a lira foi das experiências mais sublimes não apenas pelo seu peso simbólico no imaginário ocidental coletivo, mas também pelo oceano de possibilidades que oferece neste mundo contemporâneo tão repleto de vicissitudes e contrariedades e onde a liberdade surge como a busca incessante da realização humana. Revistar e resgatar a lira para fins educativos é o propósito deste nosso artigo.

Abstract

Music is considered the oldest form of human communication and has the ability to evoke meaning, imagination, creativity and innovation. The lyre is a very old musical instrument and it is associated with the imaginary and mythological world of Ancient Greece. Its qualities elect it as one of the instruments of poets, philosophers, educators. In addition to being a vehicle for the convergence of the celestial and human planes, the lyre is an educational, cathartic and soul-purifying instrument and symbolizes peace and deep silence. Revisiting the lyre was one of the most sublime experiences, not only because of its symbolic weight in the collective western imaginary, but also because of the ocean of possibilities that it offers in this contemporary world so full of vicissitudes and setbacks and where freedom appears as the incessant search for human fulfillment. Searching and retrieving the lyre for educational purposes is the purpose of this article.

Palavras-chave: *Lira; Educação; Aprendizagem; Harmonia musical; Silêncio.*

Keywords: *Lyre; Education; Learning; harmony; Silence*

Data de submissão: janeiro de 2021 | **Data de publicação:** março de 2021.

¹ MARIA MARGARIDA MELO DE CARVALHO – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. PORTUGAL. E-mail: mcarvalh@utad.pt

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da sua existência que o ser humano procura compreender o mundo que o rodeia e o interpela problematizando-o sobre diferentes ângulos, visando conferir sentido e existência à sua vivência. Nessa incessante busca, o homem torna-se um verdadeiro construtor da realidade, um arquiteto, um hermeneuta. O mundo torna-se aquilo que pode ser dito, narrado, experienciado, musicado. A exteriorização do olhar, do pensamento, da imaginação e da criatividade, torna o ser humano num artista multifacetado.

A música é considerada a mais antiga forma de comunicação humana. Segundo Mann (1982, p. 13) a música desenvolveu-se “(...) a partir dos principais ritmos e vibrações do nosso planeta – dos sons do vento e da água, do ar e do fogo”. A música é a arte que simbolicamente representa essa apropriação criativa estabelecendo a união do Céu e da Terra. Como território fértil de ‘narrativas de viagens’, a música oferece-nos a busca de uma interioridade profunda e, simultaneamente, de uma elevação mística. A música tem a capacidade de evocar significação, de guiar a imaginação e re(i)novar a criatividade, gerando espaços afetivos e sublimes. “The idea of divinely inspired creativity is that all living things somehow emanate from a divine force, which may be either one God or multiple gods” (Liu & Stenberg, 2006, p. 20).

O mito é uma forma narrativa de apreensão do real pelo imaginário humano. É uma história fundada, essencialmente, na relação experiencial, afetiva e emotiva do homem com o exterior de si, com o meio adverso, com o mistério do universo.

Apesar de ter entrado no berço da Grécia Antiga pela Ásia menor (Koumartzis, Tzetzis, Kyratsis, & Kotsakis, 2015), a lira surge associada ao mundo imaginário-mitológico da Grécia Antiga. Tendo sido recuperada pela cultura grega, este objeto musical surge como um instrumento da esfera do divino, apresentando-se como um veículo de convergência dos planos celestial e humano. O seu primado postula o seu valor e convoca-a, com distinção, para o domínio da educação dos jovens cidadãos. Referenciada como um instrumento purificador das almas, a lira metamorfoseia o espaço e o tempo em busca de uma harmonia cósmica. A sua pureza tonal (en)canta os seres e permite fazer emergir o Amor, eternizando-o.

A história da lira é, desse modo, consentânea com a história da civilização, dos seus mitos, ritos e práticas. As suas qualidades elegem-na e classificam-na como um instrumento eleito dos poetas, dos filósofos, dos educadores. Ao promover o cultivo do espírito e do coração, a lira gera espaços afetivos repleta de significações variadas, polarizando acentos cosmogónicos, morais e sociais. A lira projeta-se numa dimensão cósmica. Sendo uma constelação do hemisfério celestial norte, a sua exposição, no espaço sideral, apresenta-se numa constelação com idêntica designação, polarizada pela estrela mais brilhante, Vega (Alpha Lyrae). Dotada de valor ético-pedagógico, a lira adquire, ao longo da antiguidade clássica, uma função catártica que fez dela uma arte hermenêutica, simbólica e estética na relação do homem com a realidade envolvente. E, nessa medida, a lira desempenha uma função terapêutica constituindo-se numa janela aberta para a imensidão da infinitude cósmica. A lira surge como uma apologia ao primado da paz.

Pretendemos, com este artigo, relevar a sua importância, visitar a sua significação e representação simbólica no imaginário coletivo e resgatá-la como instrumento fundamental na demanda dos altos desígnios gregos da felicidade, da justiça, do bem-estar e da liberdade. Conferindo-lhe uma essência libertadora, a lira poderá ser um meio (veículo) que acalenta as tensões da vida e da morte, os seus antagonismos e vicissitudes variadas, e o seu simbolismo poderá constituir, de per si, o próprio mito a que se encontra relacionada (mito de Orfeu). Recuperar a beleza e o Amor simbólico-mitológico que a envolve tornando-a num arquétipo incondicional de renovação da própria vida, será o desafio a que nos propomos desenvolver com este artigo.

A história da Lira e do mito de Orfeu

Sobre el caparazón de la tortuga Hermes tendió la piel de uno de los bueyes que había robado a Apolo y fijó allí dos cuernos de onde partían las cuerdas de tripa (Servier, 1970, p. 170).

A lira, surge no imaginário coletivo associada ao mito de Orfeu.

O mito é uma das primeiras criações narrativas do homem. Relata um acontecimento que teve lugar num tempo primordial, anterior ao tempo da história. Enquanto estrutura de significação, o mito é uma narrativa ôntico-fenomenológica de cariz singular. Para a ontologia e para a fenomenologia o ato de conhecimento sensível assegura um contacto concreto, particular, único com a realidade, afirmando a primazia

da experiência sobre a especulação conceptual. E enquanto apelo, enquanto intenção, enquanto busca, o mito fornece possibilidades interpretativas da ocorrência dos fenómenos. Através do mito o homem ordena o mundo, estrutura-se como ser social e integra-se numa dada ordem cultural. O encontro intersubjetivo com o outro promove o conhecimento, a relação consciente com a realidade, a abertura (o ser-aí e o ser-com), a possibilidade de o ser singular se descobrir na dimensão coletiva do “nós”.

Nós ‘somos’ e” ex-sistimos” de forma total, num dado momento, inseridos no mundo da experiência, que se constrói e reconstrói à medida que existimos junto – com o mundo não se limitando (o ser singular) assim à subjetividade (Dutra, 2002, p. 377).

As narrativas míticas ou deliberadamente ficcionais fornecem inteligibilidade às sucessivas gerações, ao curso da história, à modulação das culturas. É assim que “(...) vamos construindo um percurso individual feito de cruzamentos de histórias que vivemos ou que ouvimos contar” (Galvão, 2005, p. 328).

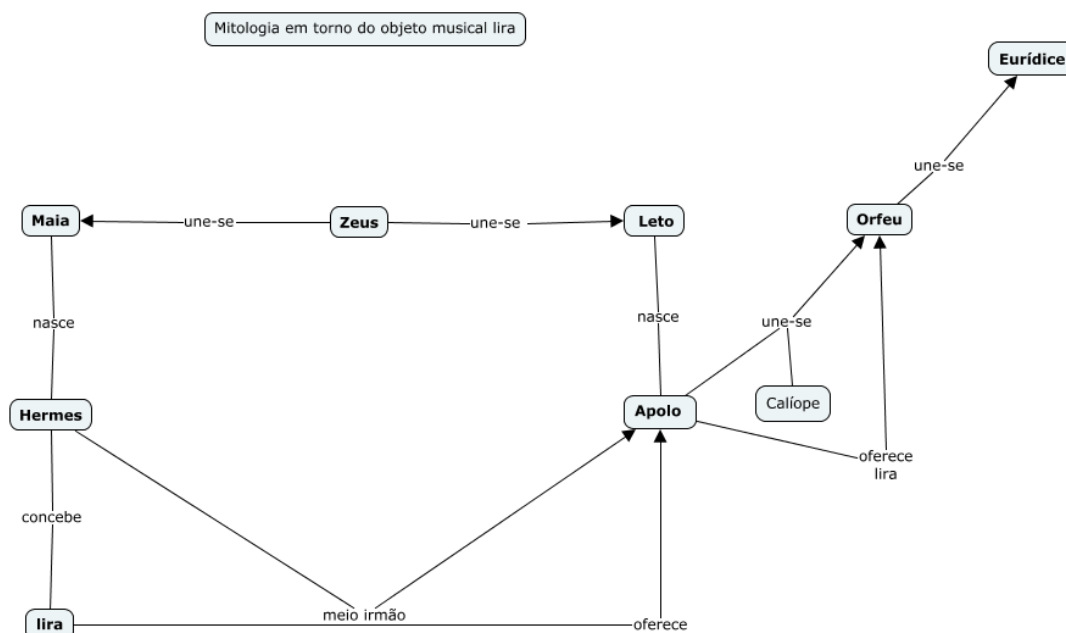
A lira é considerada uma criação de origem divina (Mann, 1982). Criada pelo deus Hermes, a lira é construída a partir da casca de uma tartaruga e por tendões ou tripa de origem animal. A sua carapaça (caixa sonora) representa a Terra e a sua cobertura, em pele, o Céu. O sopro do vento por entre os tendões esticados emite sons em tons variados que são proporcionais ao comprimento das cordas. Assim se constituem os sons distintos numa escala “extática”. Quanto mais curto o tendão mais alto será o som (Servier, 1970; Mann, 1982).

A tartaruga, sendo um animal terrestre, está simbolicamente associada à Terra mãe e evoca a estabilidade, a longevidade, a resistência, a fecundidade e a sabedoria. Este instrumento, envolto de sacralidade fecundante, e que extrai os sons e tons mais puros da natureza, harmoniza o Cosmos e apazigua os efeitos antagónicos e tentadores da Terra mãe, conduzindo o homem à sua incomensurável aspiração de se fundir no poder do uno. Fazer vibrar a lira é fazer vibrar o mundo (Servier, 1970) e o que ele tem de mais harmonioso, o silêncio. A lira é, nas palavras daquele autor, um altar simbólico e é um objeto que se constitui, em si mesmo, um mito (Guterres, 2016, p. 144)².

² Para Guterres (2016, p. 145) citado por Scheid e Svenbro (2014, p. 102) “A tartaruga ocupa uma importante posição de interesse simbólico, entre o mundo animal e o mundo mineral”. A começar por seu carácter paradoxal: trata-se de um ser vivo que habita um ser inanimado, parecida com uma pedra, em todo o seu silêncio. Esse mesmo casco pode ser utilizado na construção de uma lira, instrumento diretamente ligado à poesia, diretamente ligada ao som.

Hermes, o mensageiro dos deuses do Olimpo, filho de Zeus e Maia, oferece a sua lira a Apolo, deus das artes, da música, da poesia, da medicina. Filho de Zeus e Leto³, Apolo é o deus padroeiro dos músicos, o guardião e o inspirador das Artes. Apolo casa com Calíope, a Musa da poesia épica (Zwilling, 2015), e dessa união nasce Orfeu. Portador das artes pelo lado do pai e da capacidade de extrair os sons encantados pela musa, sua mãe, Apolo oferece a Orfeu a sua lira e este torna-se um tocador exímio, um (en)cantador, um viajante que transporta e transmite a harmonia e a paz. Mas como no diz María Zambrano (1994, p. 43), o “*Eu não anda sozinho. Atrai um cortejo de vivências (...)*” e a história de Orfeu (con)funde-se com a narrativa da criação da própria lira e do mito a que está associada.

Fig. 1- A herança familiar de Orfeu (autoria própria)



A lira passa a ser o instrumento musical de Orfeu e fica, desse modo, associada à poesia, ao Amor e à união. Orfeu transforma-se no grande intérprete dos deuses passando a representar a dualidade do sagrado e do profano (Partridge, 2014).

Não existe muita informação acerca da figura de Orfeu. Orfeu surge, na mitologia da Grécia Antiga, como participante da expedição dos argonautas que acompanha Jasão, comandante da nau Argo, na viagem a Cólquida. O objetivo da viagem era encontrar e trazer o Tosão ou o velo de ouro. A função de Orfeu nesta demanda residia em estabelecer

³ Leto era filha dos Titãs Ceos e Febe.

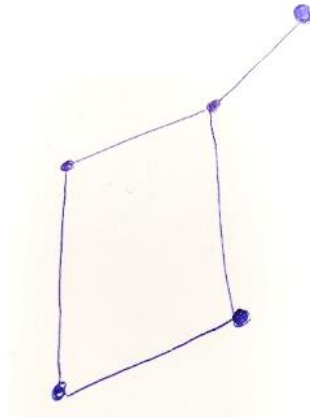
uma cadência ritmada de sons e tons vocais que acompanhava o movimento sincopado dos remadores. Tangendo a sua lira, Orfeu recorria, por vezes, à sua sublime e encantadora voz. Tal atributo permitia-lhe renovar energias aos navegantes e, simultaneamente, apaziguar a fúria dos oceanos. A música surge, neste contexto, como um atributo do bem que auxilia a travessia do herói, determinado em alcançar o seu objetivo, conciliando os conflitos (Miranda, 2002). A lira constitui-se, assim, no instrumento de paz e de harmonia. A sua força irá persuadir e encantar outros percursos, outras demandas.

Após essa viagem, Orfeu regressa e desposa Eurídice. Pouco tempo depois, perde-a. Num passeio ao campo, a sua amada é mordida por uma víbora e falece ficando a pertencer ao mundo subterrâneo governado por Hades.

Orfeu está apaixonado por Eurídice. Inconformado com a sua morte, inicia uma deambulação a fim de a recuperar. Desceu, por amor, ao mundo subterrâneo, ao Tártaro (Graves, 1990). Os riscos aumentavam e, a cada perigo que defrontava, Orfeu tangia a sua lira, ultrapassando todos os obstáculos com que se deparava nessa viagem realizada ao mundo Tártaro. A entoação de sublimes melodias permite-lhe apaziguar as forças obscuras dos territórios subterrâneos. Consegue encantar o cão Cérebro que, inebriado e enlevado pelos sons da lira abrandava a vigilância, permitindo a Orfeu aproximar-se de Hades. Este, ao escutar a sua lira, fica deliciado e concede o desejo a Orfeu de voltar a estar com Eurídice. Todavia, com uma condição: Orfeu não poderia olhar para trás até ambos atingirem a superfície, a luz. O trajeto ascendente, das trevas à claridade, é realizado por Orfeu envolto em sentimentos turbulentos, ansiosos e angustiados. Desejava estar com Eurídice, de novo, e tal ânsia precipita-o a olhar para trás quando alcança a superfície. Nesse exato momento Orfeu perde-a, de novo. Mas agora para todo o sempre. Desesperado procura regressar ao mundo dos mortos, mas tal não lhe é consentido. Orfeu vê-se enlaçado numa névoa por ter descurado a sua força, a sua autoconfiança. Insofrido com a sua perda sem nunca se separar da sua lira, inicia uma viagem sem rumo ou propósito. Acaba por ser morto pelas donzelas trácias por ter ousado desprezá-las. Zeus, após a morte de Orfeu, envia uma águia para recuperar a sua lira que havia caído ao rio e coloca-a no céu, em memória de Orfeu, em forma de constelação, ficando próxima das constelações do Cisne e da Águia.

A origem da constelação Lira é, desse modo, ancestral e está, intrinsecamente, associada à cultura grega. Sendo um instrumento muito presente na antiguidade clássica, a sua configuração constelar assume a seguinte forma:

Fig. 2- A constelação Lira (autoria própria)



O mito de Orfeu é um tributo ao Amor. Orfeu, na mitologia grega, é um herói da paz. A lira simboliza a ponte que une o Céu à Terra e personifica o poder curativo e a harmonia cósmica. A lira impõe a ordem ao caos, tornando-se num movimento gerador de catarses profundamente transformadoras (Bates, 2018). Segundo Santoro (2020, p. 18), Safo (630/1? A. C.- 570 a.C.), a célebre poeta e filósofa grega ligada ao Orfismo e que se notabilizou nos seus escritos, justamente, através do poema intitulado “Hino a Afrodite”, recorria, com frequência, à lira para adornar a sua poesia. Safo terá partilhado ensinamentos ao seu escol sobre a importância do objeto lira na educação, afirmando,

(...) amemos o ‘canto límpido da lira’. A lira, a arte, é o que pode nos salvar. Não nos salvar da velhice, coisa impossível. Mas é o que pode nos salvar na velhice. Eu, que sou sua professora, não sou mais capaz de ser a bela bailarina, mas sou ainda mais bela no canto límpido da lira. A música não envelhece, a música continua bela e me torna mais bela à medida que a exerço e me entrego, quanto mais desenvolvo minha sabedoria e minha arte (Santoro, 2020, p. 18).

A essência perene da beleza em si (re)concilia-se através da sabedoria, que “(...) propõe a ação catártica da arte, da música e da lira para superar o trágico, isto é, o destino da condição humana (...)” (Santoro, 2020, p. 21).

A música na educação ateniense

A música assume uma posição de destaque na cultura e educação grega. A educação ateniense integrava a ginástica (exercitar o corpo) e a música (elevação do espírito e do conhecimento) como disciplinas eleitas para a constituição de uma Paideia. Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.), discípulo de Sócrates, viveu numa circunstância histórica cultivadora da participação ativa do cidadão na polis grega. Esta seria a entidade indutora da comunicação cívica compartilhada e a música, enquanto disciplina nobre, permitia o desenvolvimento de uma pedagogia de busca e de contemplação da beleza e da verdade. A suprema realização da beatitude grega, surge com evidência marcante na República de Platão, numa espécie de procura interior pela perfeição ideal. O desiderato platônico preconizava que o homem-cidadão devia almejar a ideia de Bem absoluto e, para o efeito, deveria obter uma aprendizagem prática e contínua das regras de conduta virtuosa, através da música e da ginástica, de cariz, simultaneamente, individual e social. De acordo com a ideia expressa por Maria Helena da Rocha Pereira na introdução ao livro “A República” de Platão, (1980, p. xxii) a música surge como “*a arte das Musas*”, e, a poesia (palavra) como o veículo de fusão do som, da harmonia e do ritmo. O ritmo, nas palavras de Mann (1982) configura uma atividade humana básica tendo sido apreendida, no início dos tempos, a partir das evidências e variações naturais. A música estrutura-se, assim, ao ritmo de pulsações ou batidas numa escala temporal. O ritmo relaciona-se com a percepção humana do tempo e permite gerar um elo de ligação entre as frases e as composições melódicas. Envolve dimensões nucleares sendo uma das quais o compasso. O compasso é medido no tempo de acordo com métricas e sistemas de tempos fortes e fracos. O compasso está, desse modo, intrinsecamente associado ao ritmo e, na música, assume um papel preponderante na busca do silêncio. O compasso é a arquitetura da harmonia dos sons. E o silêncio é um modo suspenso de ritmo e compasso, uma inspiração fundante. O silêncio será o instante que permite alcançar a verdadeira contemplação da Beleza e da Justiça. O silêncio emerge de um sistema de esferas alinhadas e transporta-nos para uma dimensão última, a unidade, a essência. O Silêncio “além de funcionar como significante, fundante, produtor de sentidos, pode também ser entendido como introspeção (...)” (Gonçalves, 2014, p. 73).

Platão preconizava que o homem-cidadão ateniense devia perscrutar e desenvolver, a partir da sua própria experiência de vida, o sentido da verdadeira felicidade. A noção de harmonia musical, que decorre da vibração de quatro tons (Platão

Livro III, 400a, p. 130) e a concepção do ritmo (400c, p. 131) executado, “(...) a melodia se compõe de três elementos: as palavras, a harmonia e o ritmo (...) E certamente a harmonia e o ritmo devem acompanhar as palavras” (A República, Livro III, 398e, p. 127), conduzia o homem ateniense à plena consciência contemplativa da vida inteligível. A existência individual, alicerçada na busca da verdade, conferia unidade à existência coletiva na realização da justiça.

Em suma, “*cada Harmonia representa um etnos, uma determinada disposição anímica*” (Morão, p. 1039). A beleza depende, desse modo, do bom ou mau ritmo. Assim, o ritmo e a harmonia ajustam-se à palavra e, por sua vez, à qualidade do carácter. Platão assume que, para a sua cidade ideal, a música é a arte da perfeição. Assim “(...) a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afectam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição” (República, Livro III, 401e, p. 133).

Nem todos os instrumentos musicais integravam o plano educativo na Grécia Antiga. Porém, de entre os instrumentos de corda, a lira avoca uma posição de destaque que é visivelmente expressa na obra “A República” de Platão: “– Resta-te a lira e a cítara para se utilizarem na cidade” (Platão, A República, Livro III, 399d). No seu Livro III da República, Platão retoma a importância de introduzir a música e a ginástica na instrução dos atenienses, tornando a educação perfeita para a sua cidade ideal, destacando a lira como um dos seus instrumentos eleitos.

A influência da música na instrução dos gregos e a sua correlação com a formação anímica e inteligível, distingue-a como um elemento nuclear que deve estar no processo de construção de uma cidadania completa e que será consagrada pela interinfluência do estudo e práticas de uma educação holística, moral, estética e cívica (Koyré, 1988, pp. 96-97). Para Platão, a disposição anímica advém da música (a virtude e os bons sentimentos) e esta preenche-se com a palavra e a poesia. Esta comunhão origina a grande arte, a grande Beleza. A temperança, a coragem, a generosidade, a justiça, a felicidade, a sensatez, a liberdade e a grandeza da alma são virtudes que são alimentadas pelo conhecimento da música e da ginástica. O potencial educativo da lira faz, então, prevalecer a ordem no caos sendo um dos veículos transmissor e propulsor do conhecimento e da sabedoria. A música no tempo de Platão adquire, assim, um sentido ontológico, ético, político e eudemonista, uma arte perfeita que busca a felicidade e, a lira, o instrumento de elevação que capacita a entrada no mundo inteligível.

Aristóteles (384-233 a.C.), discípulo de Platão, é devedor da mesma formação cultural helenística, mas demarca-se da linha de pensamento do seu mestre quanto ao ideal da contemplação e das formas eternas das qualidades ético-morais. A articulação da música ao Bem e à Justiça e, por sua vez, à virtude e à felicidade decorre, de acordo com Aristóteles não de uma apreensão ideal e contemplativa, mas da própria conduta ética, ativa e relacional no âmbito da pólis. Ou seja, incorpora o transcendente no imanente realçando o primado da virtude prática. A prática dos preceitos virtuosos é determinante para alcançar a felicidade.

A música adquire um sentido axiológico e enquadra-se no pensamento deste filósofo helenista na esfera do ócio. Este conceito, para Aristóteles, não tem uma conotação pejorativa. No seu livro “A Política”, Aristóteles afirma que a ociosidade é uma virtude e que deve ser acalentada. A natureza humana não pode prescindir desta nobre virtude pois “(...) contém em si mesmo prazer, felicidade e ventura” (Livro viii, 1338a). A música é felicidade e esta é um fim em si mesmo, assevera o filósofo ateniense. Para Aristóteles a música é liberal, formativa, educativa (Livro viii, 1338a). Aprender, através da experiência, a manusear e tanger as suas cordas de modo a preservar os dons das sonoridades harmónicas torna o mundo mais justo, mais belo e mais livre. Estes seriam os desígnios da educação grega, em geral, e da incorporação da música no dia-a-dia ateniense, em particular.

A lira, conciliadora dos músicos e dos poetas, assume, na antiguidade clássica, uma função decisiva na construção das nobres virtudes, veículos determinantes para a condução de um mundo melhor. Para além de envolver, na sua instrução, elementos pedagógicos, garante desenvolver e consolidar mais facilmente o processo de aprendizagem infantil através do lúdico. A atualidade destes ensinamentos e a sua pequena dimensão fazem dela um instrumento musical a ser revisitada nos nossos dias para despertar a curiosidade, despoletar a criatividade nos mais jovens cidadãos e valorizar os princípios ético-morais. A lira, instrumento musical, congrega, assim, as condições ideais para alcançar a felicidade, o bem-estar, a harmonia das esferas e seu alinhamento vertical do imanente ao transcendente.

As características da lira

De uma forma geral, os instrumentos musicais evoluíram ao longo do tempo aperfeiçoando-se para obter os melhores sons e harmonias. A lira é um cordofone. É um instrumento de cordas cujo som é extraído a partir da vibração de uma corda em tensão. Mas, desde a antiguidade clássica, este objeto musical manteve-se praticamente quase inalterado fazendo jus ao simbolismo que transporta. A lira torna-se um instrumento dos tempos imemoriais envolto nas mais nobres aspirações humanas.

A sua pequena dimensão facilita, por um lado, o seu transporte e, por outro, permite que desde tenra idade o jovem cidadão ateniense aprenda a dedilhar com ambas as mãos, dominando os seus movimentos físicos articulados com a nobreza da arte de tocar, “Com a mão esquerda pulsava as cordas com a polpa dos dedos, enquanto a mão direita acionava as cordas com o auxílio de um plectrum ou palheta” (Zwilling, 2015). E, simultaneamente, recolha os ensinamentos essenciais para a construção de uma educação completa focada no ideal da Beleza e do Amor. A música acompanha a palavra e preenche os espaços de aprendizagem. A lira é, em si mesma, uma agregação exegeta de sacralidade mundis.

Inicialmente constituída por três a quatro cordas (Zwilling, 2015) a lira evoluiu tendo fixado o seu jogo de cordas em número de sete (7). As suas sete (7) cordas correspondem a sete planetas nas suas revoluções cósmicas. Apesar da sua evolução se ter fixado em sete cordas, a lira chegou a integrar doze cordas cujo número corresponde aos doze (12) signos do zodíaco (Chevalier, 1986).

As cordas eram presas ao jugo e a uma saliência de madeira transversal (cavalete) na extremidade inferior, disposta junto da caixa-de-ressonância de madeira (retangular, trapezoidal ou côncava), que transmitia as vibrações das cordas.

A lira que apresentamos na figura infra foi construída por Luis Paniagua e adquirida em 2013. É constituída em madeira de Faia - que simboliza a Terra - e a sua cobertura em pele de cabra – que simboliza o Céu. A forma côncava da sua caixa de som permite alcançar uma ressonância pura que faz propagar *ad infinitum* um som cristalino. As cordas são feitas de carbono.

Fig. 3 - A representação iconográfica do instrumento preserva as 7 cordas construída por Luís Paniagua, em 2013 (autoria própria).

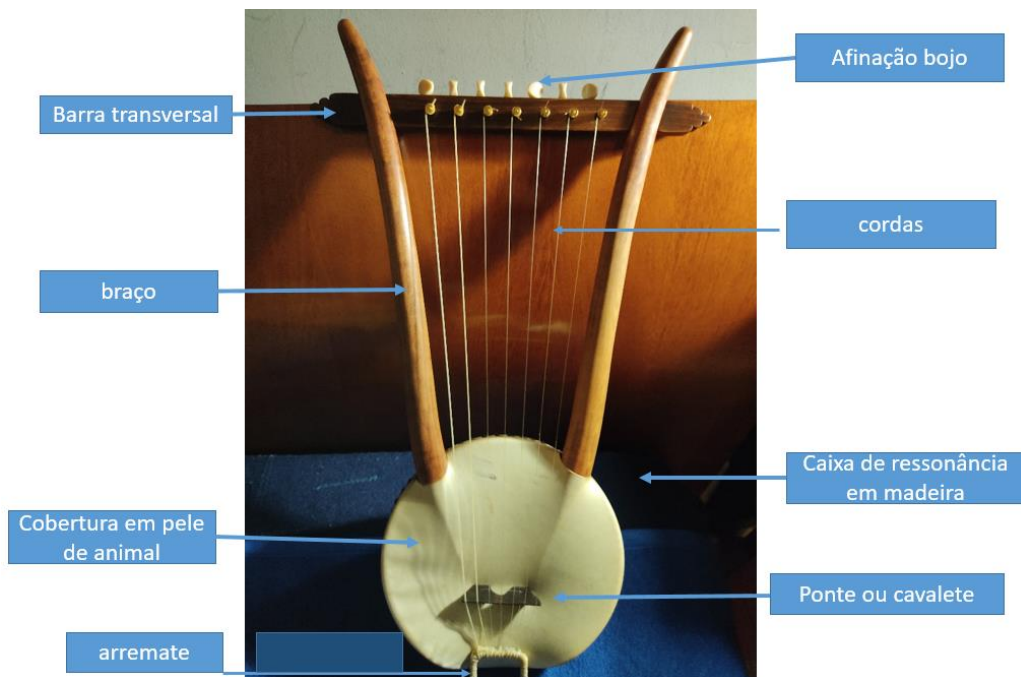


Fig. 4 - A representação da parte de trás da lira. **Fonte:** autoria própria.

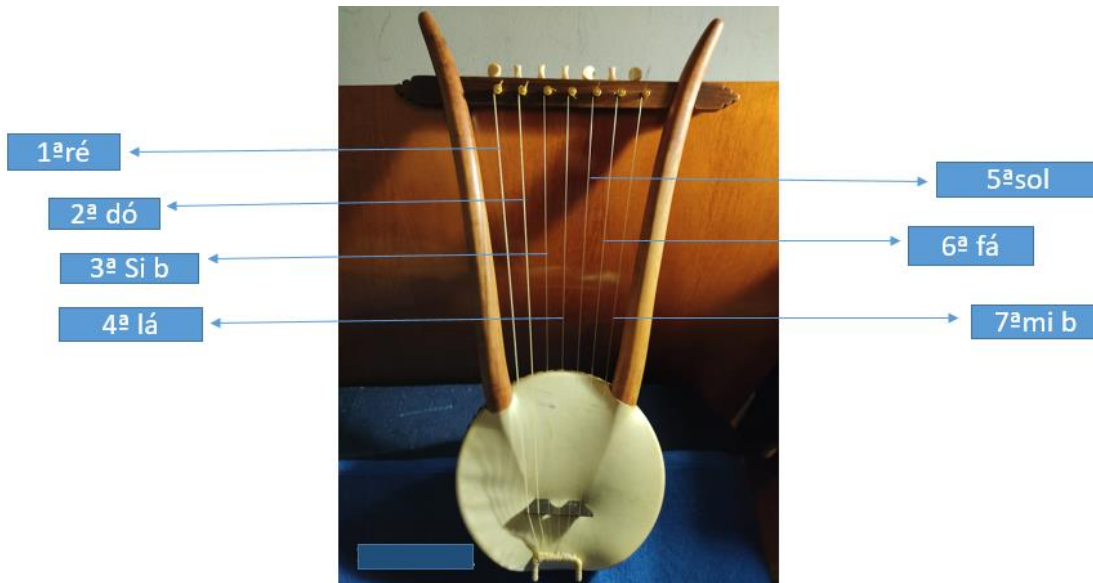


A afinação das cordas é uma componente que merece relevar. É um processo técnico que permite realizar os ajustamentos necessários ao apuramento tonal através do aumento ou redução da tensão das cordas. Afinar é uma técnica instrumental que determina a precisão tonal para alcançar a harmonia ideal da constituição dos sons. Requer uma sensibilização auditiva e uma predisposição para o fenómeno acústico. A

riqueza musical da afinação de um instrumento como a lira capacita o ser humano a desvelar a harmonia das esferas interiores e ascender à plenitude celestial. A afinação permite a união do micro com o macrocosmo.

As sete (7) cordas que compõem a sonoridade tonal da lira, têm a seguinte afinação:

Fig. 5 - A afinação das cordas da lira. **Fonte:** Autoria própria.



Após a afinação tonal é determinante que se constitua um espaço / contexto para iniciar o processo de interação com o instrumento. Há quatro dimensões que devemos salientar para fruir uma melodia na lira, e que, justamente, são também transversais a todos os outros instrumentos, a saber: i) a postura física; ii) a respiração; iii) a técnica; iv) a predisposição interior para o despertar. A congregação destes fatores poderá conduzir à revelação e ao alinhamento interior-exterior. Nessa medida, podemos dizer que tanger as cordas de uma lira é ter consciência do ato de criação que simbolicamente a representa. A condução de uma viagem ao interior de si promovida pela harmonia do som, capacita o indivíduo a relaxar a mente e o corpo recorrendo para tal ao uso sincopado de movimentos respiratórios (inalação curta e exalação longa). Tratando-se de um instrumento musical de ‘origem divina’ tais condições merecem acautelares a ocorrência de contrários. É uma forma de rito iniciático que desfruta da dimensão da espiritualidade (do transcendente) para alcançar a harmonia cósmica. Sintonizar o corpo e o espírito em busca dos sons perfeitos. Estas quatro dimensões são, portanto, estruturantes para se dar início à viagem ao centro de nós para alcançar a plenitude do mistério cósmico.

Resgatar a Lira pela mão de Paniagua

Cada uno tiene que encontrar la forma de llegar a lo más alto de sí mismo (Paniagua, 2007).

Quando em 2007 Aldai entrevista Luis Paniagua, músico madrilenho e tocador de lira, o entrevistado comunica que através da lira consegue tanger notas e melodias harmoniosas, mas essencialmente, o que busca é a experiência do silêncio. Para além de recuperar este elegante instrumento baseado no modelo mediterrânico antigo realizado a partir de descrições mitológicas gregas, Paniagua crê que este objeto musical é um elemento (trans)formador que permite alcançar momentos de pura interiorização meditativa por (con)sentir a desconexão do ser humano no seu quotidiano, sob a égide uma profunda paz interior: a busca do silêncio. No caminho de interioridades absolutas emergem múltiplas constelações que irão (re)configurar a dimensão do existencial e do cognoscível. Nesse percurso ontofenomenológico “*Cada uno tiene que encontrar la forma de llegar a lo más alto de sí mismo*”(Paniagua, 2007) de forma transparente e aberta para se fundir num coletivo, num “nós”. A lira tem qualquer substância mágica que nos liga ao sonho da beleza experiencial onde não existe espaço nem tempo, apenas o vazio.

María Zambrano, filósofa contemporânea de origem espanhola, diz-nos, no seu livro “Os sonhos e o tempo” que “(...) a experiência é a transparência do sujeito que observa o seu próprio viver (...). A experiência é assim interminável (...) porque a vida é sempre a vida de alguém (...)” (Zambrano, 1994, p. 43).

E, assim, a realidade vai-se construindo na relação com os outros. A visão do mundo implica dar sentido às experiências que ocorrem em contextos de pura interioridade. A lira (trans)forma os fenómenos e as realidades. A lira (re)conta a intencionalidade de uma história vivida e estrutura a ordem harmónica ao seu intérprete. Este torna-se um participante ativo e um cocriador de significados possíveis e inteligíveis. Há uma interpelação e, simultaneamente, uma exegese. Procura-se (des)codificar e (re)configurar o mistério do cosmos.

A lira é um instrumento místico e humano. Carregada de significação simbólica, a lira representa os inúmeros ideais que se enquadram na esfera da felicidade. Justamente por conferir essa representatividade unificadora, a lira deve ser resgatada e revisitada na

educação e na aprendizagem individual e social nos nossos dias. O silêncio que busca é a plenitude cósmica. A felicidade que devolve é um oceano de paz.

Nos nossos dias, a influência da cultura na literatura sobre a criatividade posiciona o potencial criativo, de acordo com Glaveanu (2010), na conceção arquetípica do “Nós”, explorando, desse modo, a importância do contexto, do grupo e da relação com o outro no processo da criação. Se, na antiguidade clássica a criatividade se apresenta com um atributo divino, hoje em dia, esta competência surge na esfera da cultura devedora de interdependências contextuais, individuais e sociais (Niu & Stenberg, 2006). A música, a criatividade são constructos que ocorrem em contextos culturais e que se materializam na relação com o outro (nós). Nesta medida podemos afirmar que a lira também simboliza a cultura do ‘nós’.

Luís Paniagua ao resgatar a lira para o presente transforma-se, ele próprio, numa espécie de ‘Orfeu’ contemporâneo, eternizando-a como arquétipo. Paniagua vivifica-a, libertando-a do fundo do rio da existência humana, criando um fluxo de constelações propiciador da busca da felicidade, da beleza, do silêncio e do vazio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, M. (1991) Mito. In *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. (Vol. 3, pp. 899-908).
- Cartwright, M. (2012). *Lyre*. In *World history encyclopedia*. Acesso em 12 de março 2021. Disponível em: www.ancient.eu
- Cerqueira, F. (2017). A música e o fantástico na Grécia Antiga: o imaginário, entre mito e filosofia. *Per Musi*, 1-28. doi: 10.1590/permusi2017-05
- Chevalier, J. (1986). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder S.A.
- Commelin, P. (1960). *Mythologie grecque et romaine*. Paris: Éditions Garnier Frères.
- D’Agostino, M. H. (2007). Métron: a lira, a flauta, o compasso. *Revista Música*, 12, 101-131.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), 371-378. doi:10.1590/S1413-294X2002000200018
- Galvão, C. (2005). Narrativas em Educação. *Ciências & Educação*, 11(2),327- 345.

- Glaveanu, V. (2010). Paradigms in the study of creativity: Introducing the perspective of cultural psychology. *New Ideas in Psychology*, 28, 79-93.
- Gonçalves, U. (2014). Música e Silêncio: entre pautas e pausas. (Dissertação de mestrado). Pouso Alegre:UVS.
- Graves, R. (1990). *Os mitos gregos*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Gutteres, T. (2016). A tartaruga e a lira: o mito para além da narrativa. *Revista Eletrônica de Antiguidade*, 9(1),144-147.
- Hamilton, E. (1970). *A mitologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Henrique, L. (1999). *Instrumentos musicais*. (3ª ed). Lisboa: FCG.
- Koumartzis, N., Tzetzis, D., Kyratsis, P., & Kotsakis, R. (2015). A New Music Instrument from Ancient Times: Modern Reconstruction of the Greek Lyre of Hermes using 3D Laser Scanning, Advanced Computer Aided Design and Audio Analysis, *Journal of New Music Research*, 44(4), 324–346.
- Koyré, A. (1988). *Introdução à leitura de Platão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Levy, M. (2012). *A brief history of the lyre*. Disponível em: <https://www.ancient.eu/Lyre/>
- Mann, W. (1982). *A música no tempo*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Miranda, E. (2002) A lira de Orfeu nas narrativas tradicionais infantis. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11350>. [MsC]
- Morão, A. (1991). Música. In *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. (Vol. 3, pp. 1039-1055).
- Niu W., & Sternberg R. J. (2006). The philosophical roots of western and eastern conceptions of creativity. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 26, 18-38.
- Paniagua, L. & Aldai, K. (2007). Entrevista a Luis Paniagua. *Opina Síntesis*, 44, Fundación Ananta.
- Partridge, C. (2014). *The lyre of Orpheus: popular music, the sacred, and the profane*. Oxford: Oxford University Press.
- Platão (1980). *A República*. (3ª ed). Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sales, J. (2018) - Música, dança e instrumentos musicais. *Hapi*, 6, 126-175.

Santoro, Fernando. (2020). A primeira filósofa: o amor à sabedoria da Lira. *Revista Archai*, 28, e02802. doi: [10.14195/1984-249x_28_2](https://doi.org/10.14195/1984-249x_28_2)

Servier, J. (1970). *El hombre y lo invisible: ensayo*. Caracas: Monte Avila Editores.

Zambrano, M. (1994). *Os sonhos e o tempo*. Lisboa. Antropos.

Zwilling, C. (2015). Os instrumentos musicais na República de Platão. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5067336/mod_folder/content/0/OS_INSTRUMENTOS_MUSICAIS_NA_REPUBLICA_DE%20%281%29.pdf?forcedownload=1